

Baruch Espinoza – 1632 a 1677

Racionalismo radical e crítico às superstições

Fonte da superstição: imaginação incapaz de compreender a ordem do Universo

Aqui, Deus é transcendental, além das coisas desse mundo

Espinoza faz uma demonstração geométrica para apresentar a natureza racional de Deus, agora como Deus Imanente, pois ele é o próprio Universo

Sua filosofia era monista e panteísta: há somente uma única substância divina que deveria ser alcançada de forma racional e deduzida a partir da matemática

Substância divina: eterna e imutável que se manifesta em atributos, as perfeições infinitas
Intelecto humano: alcança somente dois atributos – cogitatio (espiritualidade) e extensio (materialidade)

Atributos

Dividem-se em modos:

Primitivos: determinações imediatas e universais dos atributos, e cada um é eterno e infinito

Derivados: são determinações temporais e finitas

Não há, no entanto, interação entre as duas ordens de atributos

Necessidade

Domina a substância única e universal

Deus é algo matematicamente necessitado como realidade interior e exterior

A filosofia seria o conhecimento racional de Deus e liberdade a consciência da necessidade

Não há, portanto, livre-arbítrio já que tudo o que existe é necessário e não pode ser transgredido por ser parte da natureza divina

Homem

Somos um complexo de fenômenos derivados da substância única e divina

A alma é um complexo de modos psíquicos com atividades teóricas e práticas

Cada uma das atividades divide-se em graus sensíveis e racionais

Imaginatio (conhecimento sensível): subjetivo e fenomênico

Conhecimento racional: dividido em universal abstrato e concreto intuitivo e através deles alcançamos a substância divina

Conhecimento

Há uma heterogeneidade entre res extensa e res cogitans

O conhecimento é uma correspondência extrínseca entre objeto e sujeito e não uma penetração do sujeito no objeto

Moral

Trata da questão do conhecimento

Conhecimento sensível: ilusório e falso do qual derivam paixão, vício, a dor e o mal

Conhecimento racional: origina a virtude e a felicidade

A moralidade, nossa felicidade ou infelicidade, dependem da necessidade universal da substância divina

Nicolau Malebranche – 1638 a 1715

Aos 26 anos, encontra a obra de Descartes

Partindo da ideia de Deus na obra de Descartes, ele afirma que a verdade não é uma criação de Deus, mas é Deus

É em Deus que vemos as coisas

E eis a diferença com Descartes

Palavra em Descartes: representação mental cartesiana

Malebranche: palavra como arquétipo platônico e agostiniano, como um modelo das coisas

Desvaloriza o conhecimento sensível e baseia-se no conhecimento intelectual

Conhecimento intelectual: intuição da mente humana com relação as ideias, que são arquétipos eternos e universais das coisas presentes em Deus

Cria a ideia de uma imanência direta com Deus

A prece natural do cientista é, de fato, sua atenção, é atendida pela iluminação divina da evidência

E as ideias claras continuam sendo as verdades matemáticas

Metafísica

A natureza de Deus é distinta da extensão inteligível: esta é, de fato, uma ideia em Deus e representa sua infinitude

Na relação Deus e mundo, ele diz que existe a pluralidade do mundo, mas há a unidade da causa. As nossas relações dependem ou são produzidas por Deus que opera por si só e de forma direta em tudo e todos

Moral

Somos moralmente livres

Não produzimos algo, mas podemos suspender a ação divina em nós

Algo explicado pelo pecado original e não pela filosofia

Blaise Pascal – 1623-1662

Tratou da questão trágica da existência humana e questiona nossa condição paradoxal

Estaríamos sempre destinados a ver somente a aparência da realidade e incapazes de alcançarmos o princípio e o fim das coisas. A razão humana é impotente para provar a existência de Deus

A crença em Deus é uma questão de fé e cuja prova da existência é impossível

Devemos aceitar e entender que muito do que há na realidade ultrapassa a razão humana

Para ele, a relação corpo e alma obedece a três ordens separadas e intransponíveis: a ordem dos corpos, das inteligências e da caridade

A racionalidade transcende o corpo, mas a espiritualidade transcende a inteligência

Guilherme Leibniz – 1646-1716

Verdades de razão e de fato

Verdades de razão ou juízos de essência: o predicado é tirado do sujeito, ou seja, são necessárias e intuitivas

Verdades de fato: os predicados não são tirados do sujeito, mas unidos na experiência

Metafísica

Os elementos fundamentais da realidade são as mônadas

Mônada: átomo espiritual e dotado de atividade, são eternas, inúmeras e diferentes entre si

Todas elas percebem, algumas conscientemente, outras de forma inconsciente e ordenadas até a mônada suprema, Deus

Mônadas

Não têm relações diretas entre si, pois obedecem a ordem preestabelecida por Deus na criação

Disso deduziu que todo conhecimento é inato

Como o mundo é uma criação de Deus, vivemos no melhor dos mundos possíveis

Homem

Seríamos um complexo de mônadas de diferentes graus, da alma (mônada superior) até as inconscientes

O mundo não teria existência física real: toda a matéria é um fenômeno, uma aparência da psiquicidade inconsciente

Quanto a Moral, é a atividade consciente e racional

A liberdade existe e é uma espontaneidade racional, no entanto, desaparece o livre arbítrio já que toda ação é dirigida para o melhor no homem e em Deus

Mal em Leibniz

Estaria dividido em metafísico, moral e físico

Mal metafísico: limitação necessária dos seres criados

Mal moral: é a resistência voluntária dos seres criados, sendo a privação de ser

Mal físico: o mal de vários seres torna-se algo bom para o todo; isso não vale para o homem que não é meio, mas sim um fim e um ser racional

Exercícios:

1. A estrutura metafísica do mundo para Leibniz é formada por substâncias simples, sem partes, que entram na formação dos compostos; são os elementos das coisas. Esta substância contém em si toda a sua realidade e nada lhe pode vir de fora; portanto, tudo o que ocorre com ela está contido na sua essência.

A que substância estamos nos referindo?

- a) Íons
- b) Aporia
- c) Homeomeria
- d) Cosmologia
- e) Mônadas

2. Leibniz distingue duas verdades: uma que é evidente a priori, independente de qualquer experiência. Outra não se justifica a priori, necessita de uma confirmação experimental. Como Leibniz chamou estas vertentes da verdade?

- a) Verdades da razão e verdades construídas
- b) Verdades de fato e verdades construídas
- c) Verdades reveladas e verdades construídas
- d) Verdades de razão e verdades de fato
- e) Verdades reveladas e verdades de fato

3. Leia o trecho a seguir do pensador Blaise Pascal. "O homem não passa de um caniço, o mais fraco da natureza, mas é um caniço pensante. Não é preciso que o universo inteiro se arme para esmagá-lo: um vapor, uma gota de água bastam para matá-lo. Mas, mesmo que o universo o esmagasse, o homem seria ainda mais nobre do que quem o mata, porque sabe que morre e a vantagem que o universo tem sobre ele; o universo desconhece tu do isso. Toda a nossa dignidade consiste, pois, no pensamento. Daí que é preciso nos elevarmos, e não do espaço e da duração, que não podemos preencher. Trabalhem, pois, para bem pensar; eis o princípio da moral. Não é no espaço que devo buscar minha dignidade, mas na ordenação de meu pensamento. Não terei mais, possuindo

terras; pelo espaço, o universo me abarca e traga como um ponto; pelo pensamento, eu o abarco". PASCAL, Blaise. Pensamentos. Coleção Os Pensadores, Abriu Cultural, 1988, Artigo VI; 347, 348.

O Renascimento se caracteriza por construir uma visão de mundo antropocêntrica, ou seja, centrada no próprio homem.

No texto de Pascal essa visão de mundo pode ser identificada por:

- a) afirmar a qualidade natural do homem de pensar o universo.
- b) apresentar o homem como mais nobre que a natureza por possuir a capacidade de pensar.
- c) colocar o universo como mais forte que a capacidade do homem para abarcá-lo.
- d) destacar a relação de subordinação da natureza em relação ao homem.
- e) mostrar a fraqueza física do homem em relação à natureza.

4. (UPE) Sobre o Saber Filosófico e o Estado Democrático, analise o texto a seguir:

O fim último do Estado não é a dominação; não é para reter o homem pelo temor e fazê-lo pertencer a outro que o Estado é instituído; ao contrário, é para libertar o indivíduo do temor, para que ele viva tanto quanto possível em segurança, isto é, conserve ao máximo seu direito natural de existir e de agir. (...) Na realidade, portanto, o fim do Estado é a liberdade. (COMTE-SPONVILLE, André. A Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 105.)

O autor do texto retrata a singularidade do pensamento de Baruch de Spinoza, um dos grandes racionalistas e filósofos do século XVII. O Estado, se trilhar a ideia democrática e funcionar bem, só tende a propiciar o valor da pessoa humana.

Com relação a esse assunto, assinale a alternativa CORRETA.

- a) O filósofo Spinoza dimensiona que o Estado é a liberdade no âmbito da dominação.

- b) O pensamento de Spinoza preconiza que o Estado instituído tem condição de limitar a liberdade dos indivíduos.
- c) As ideias de Spinoza sobre o Estado Democrático enfatizam que este não é inimigo da liberdade.
- d) Para Spinoza, o Estado é amigo da dominação e deve conservar o mínimo de direito natural de existir e de agir.
- e) No racionalismo de Spinoza, o Estado Democrático deve retirar os direitos inalienáveis.

5. (UEL) Leia o texto a seguir.

Vimos, assim, que a Alma pode sofrer grandes transformações e passar ora a uma maior perfeição, ora a uma menor, paixões estas que nos explicam as afecções de alegria e de tristeza. Assim, por alegria, entenderei, no que vai seguir-se, a paixão pela qual a Alma passa a uma perfeição maior; por tristeza, ao contrário, a paixão pela qual a Alma passa a uma perfeição menor. (ESPINOSA, B. Ética. Trad. Antonio Simões. Lisboa: Relógio D'Água, 1992. p. 279).

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o problema da paixão e da afecção em Espinosa, assinale a alternativa correta.

- a) A tristeza é uma ação da alma, consistente na afecção causada por uma paixão, por meio da qual a alma visa a própria destruição.
- b) As transformações da alma, seja o aumento ou a diminuição de intensidade, fazem coexistir paixões contrárias.
- c) O aumento de perfeição, característico de afecção da alegria, vincula-se ao esforço da alma em perceber-se com mais clareza e distinção.
- d) Tristeza e alegria são denominadas paixões porque resultam da ação de distintas dimensões da alma, responsáveis pela produção dessas afecções.
- e) Se uma coisa aumenta a potência de agir do corpo, a ideia dessa mesma coisa diminuirá a potência de pensar da nossa alma.

Gabarito:

1. Alternativa E. A Metafísica de Leibniz é pensada sendo formada pelas mônadas, o átomo espiritual e dotado de atividade.
2. Alternativa D. Seriam, segundo Leibniz, as verdades de razão e as verdades de fato (experiência).
3. Alternativa B. Destaca e valoriza a forma de pensar racional do Homem, algo típico do Renascimento.
4. Alternativa D. O Estado é uma expressão da ideia de necessidade, parte integrante do pensamento de Espinosa, e, por isso, a liberdade.
5. Alternativa C. Há a ideia de esforço, de busca racional pela verdade e por Deus.